
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: *pertencer e cuidar da teia da vida*

Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Oliveira
Universidade Federal de Goiás
sanfaoli@iesa.ufg.br

Márcia V. Pereira
Universidade Salgado Oliveira
marciavianapereira@yahoo.com.br

Rosa Maria Viana
Universidade Salgado Oliveira
rosamviana@yahoo.com.br

RESUMO

A humanidade está agora consciente do impacto que as mudanças climáticas podem provocar na vida humana. Ou deveria estar, pois não há como descer do planeta em movimento na sua jornada cósmica. E se pudesse descer, para onde iríamos? Só esta reflexão bastaria para nos remeter à noção de pertencimento à teia da vida no Planeta Terra..., à necessidade de cuidado com cada um dos elementos que compõem essa teia: mantendo o ciclo da água em qualidade e quantidade; conservando o solo, sua integralidade física e biológica; mantendo o ar em sua pureza e condições de renovação; olhando para cada aspecto da natureza como único; apreciando sua beleza e singularidade; orientando toda a intervenção no espaço territorial para o cuidado ambiental; implantando atividades produtivas com responsabilidade ambiental e social; desenvolvendo tecnologias apropriadas à natureza, à comunidade e sua cultura, adequadas à vida. A questão é: se já sabemos de tudo isso porque não fazemos? O que nos impede de agir em conformidade com o que sabemos intelectualmente? O que gera essa inércia que barra a mudança de mentalidade que leve a sustentação da vida ser algo prioritário?

Palavras Chaves: educação ambiental, teia da vida, valores humanos

ABSTRACT

The humanity is now aware of the impact that the climatic changes can provoke in the human life. Or it should be, since there is no way of going down of the planet in movement in his cosmic journey. And what if we could go down? Where would we go to? This reflection only, would be enough to send us to the notion of belonging to the web of the life in Earth planet ..., to the need of caring with each and every single element that compose this web: maintaining the water cycle in quality and quantity; preserving the soil, his physical and biological integrity; remaining the air in his purity and conditions of renovation; looking at each aspect of the nature like one of a kind; appreciating his beauty and peculiarity; orientating the whole intervention in the territorial space for the environmental care; introducing productive activities with environmental and social responsibility; developing technologies appropriated to the nature, to the community and his culture, appropriate to the life. The question is: if we already know about everything why aren't we doing it? What prevents us from acting in accordance with what we know intellectually? What causes this lethargy that bars the change of mentality that takes the sustenance of the life to a priority?

Words Keys: Environmental education, web of life, values humans

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa que resgata teoricamente contribuições para a reflexão acerca da natureza da identidade humana, incorporando a noção de pertencimento à teia da vida que integra todos os seres do planeta e promove vivências respaldadas nas abordagens metodológicas da educação ambiental e da cultura de paz. Resgata as dimensões existenciais do humano, ressaltando sua natureza de ser espécie biológica no Planeta Terra, dependente das mesmas condições da vida natural que se impõem para todos os outros seres vivos e sua responsabilidade pela qualidade relacional que estabelece em todos os níveis.

Nessa abordagem teórica/vivencial, o ser humano é pensado em sua totalidade e complexidade - ser

indivíduo, ser cultura, ser espécie e ser espiritual. O que coloca para o educador, em todas as áreas do conhecimento, a necessidade de promover uma educação que estimule a reflexão sobre as ações humanas no seu trajeto histórico no que concerne à manutenção das condições da vida planetária, as relações com os outros e consigo mesmo. Enfatizar a necessidade de que cada educador deve contribuir para um processo educacional abrangente que favoreça a florescimento de uma cidadania planetária baseada na reverência pela vida, na ética e no respeito humano, que fundamentam a cultura de paz e conseqüentemente a vida em harmonia em todas as suas manifestações.

A pesquisa teórica/vivencial se estrutura a partir da formulação de duas hipóteses orientadoras das reflexões: o conhecimento de que a interdependência dos elementos da teia da vida já estava estabelecido nas formulações de pensadores sociais clássicos que anteviam as questões tratadas por pensadores atuais; e a vivência da paz propicia uma proposta educativa integrada e harmoniosa, desenvolvendo os valores superiores do ser humano, resgatando e interiorizando a noção da unidade na diversidade, de pertencimento e da cidadania planetária.

Neste sentido, apresentaremos momentos de pesquisa teórica e reflexões conceituais comparativas entre os diferentes pensadores estudados, incluindo estudos vivenciais e ações solidárias.

Uma Breve História

As conseqüências das ações humanas nos ambientes natural e social, que já eram previstas por Engels na penúltima década do século XIX, hoje se impõem para a reflexão da humanidade, questionando os rumos que a história humana pode traçar para o futuro do planeta. É o momento decisivo da escolha. Escolha que vai orientar nosso futuro – de como nós, seres humanos, queremos participar da teia que sustenta a vida na Terra. E Engels em 1876, 127 anos atrás, já apontava para a noção dessa teia da vida, afirmando:

Nada ocorre na natureza de forma isolada. Cada fenômeno afeta a outro, e é por seu turno influenciado por este; e é em geral o esquecimento desse movimento e dessa interação universal o que impede a nossos naturalistas perceber com clareza as coisas mais simples. (p.70)

E não perceber a relação de causa e efeito que se processa na intervenção humana sobre a natureza pode colocar em risco a própria sobrevivência da humanidade como natureza que somos.

No século XIX, na Europa, o conhecimento da interconectividade dos elementos da teia da vida estava apontado, de modo claro, como podemos ver na reflexão de Engels ao relacionar várias situações mundiais como exemplos das conseqüências naturais e sociais da intervenção descuidada dos humanos no ambiente natural, tais como a:

- . devastação dos bosques ocorrida em varias áreas da Europa, para obtenção de terra destinada ao cultivo, propiciando a perda de nutrientes e a aridez do solo. Engels, numa afirmativa que soa a nossa própria época, já afirmava que os produtores, ao eliminarem os bosques, ou seja, os centros de acumulação e reserva de umidade, estavam “assentando as bases da atual (ou seja em 1888) aridez dessas terras”;
- . destruição pelos italianos dos bosques de pinheiros nas encostas meridionais dos Alpes impossibilitou o desenvolvimento da indústria de laticínios nascente na região, além de desencadear enchentes no período das chuvas, que despejavam “com maior fúria suas torrentes sobre a planície”;
- . tecnologia do álcool que devastou populações indígenas no território americano;
- . máquina a vapor que aumentou a produtividade, mas também, possibilitou, em grau nunca pensado antes, a concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos, subvertendo as condições sociais em todo o mundo;
- . descoberta da função cinza como adubo levou os espanhóis, em Cuba, a queimar os bosques nas encostas das montanhas, o que favorecia somente uma geração de cafeeiros com alto rendimento e deixava a camada superficial do solo privada de vegetação, a mercê das chuvas torrenciais dos trópicos

que transformavam a paisagem, deixando “senão rochas desnudas”; e a difusão do cultivo da batata na Europa espalhou a doença da escrofulose, na mesma proporção de sua produção, reduzindo a alimentação dos trabalhadores e espalhando doenças e mortes na Irlanda, o que provocou uma migração massiva para além mar.

E a cada reflexão, Engels vai apontando a desgraça e o quadro aterrador do domínio desencadeado por um processo produtivo e explorador da natureza e dos humanos, comprovando que a ilusão do antropocentrismo pode gerar o ecocídio. Mas, ao mesmo tempo, mostra também a possibilidade de que o ser humano tem de se articular com o sistema da vida a partir do conhecimento adquirido no processo social. Estas idéias anteciparam em um século o conceito de co-criação, pertencimento e unicidade que hoje, no século XXI, vem sendo apregoado pelos pensadores da questão ambiental.

Num tempo histórico, no qual a compreensão da supremacia dos humanos era predominante em todas as áreas do conhecimento, e até mesmo por causa do avanço desse mesmo conhecimento transformado em tecnologia, Engels elaborara a relação de subordinação e co-criação, ao afirmar que o domínio que temos sobre a natureza não corresponde ao domínio de:

um conquistador sobre o povo conquistado, que não é o domínio de alguém fora da natureza, mas que nós, por nossa carne, nosso sangue e nosso cérebro, pertencemos à natureza, encontramos-nos em seu seio, e todo o nosso domínio sobre ela consiste em que, diferentemente dos demais seres, somos capazes de conhecer suas leis e aplicá-las de maneira adequada. Com efeito, aprendemos a cada dia a compreender melhor as leis da natureza e a conhecer tanto os efeitos imediatos como as conseqüências remotas de nossa intromissão no curso natural de seu desenvolvimento. (...) e portanto com condições de prever e controlar os efeitos dos nossos atos na produção. E quanto mais isso seja uma realidade, mais os homens sentirão e compreenderão sua unidade com a natureza, e mais inconcebível será essa idéia absurda e ante natural de antítese entre o espírito e a matéria, o homem e a natureza, a alma e o corpo. (p. 71/72)

Estas reflexões são básicas para demonstrar a possibilidade de reconduzirmos nossas ações de diferentes maneiras de atuação, apontando o papel que a perspectiva histórica propicia para o aprendizado humano. Reflexões que nos permite tomar consciência dos nossos próprios atos, repensando e transformando o atual modelo produtivo explorador, a distribuição desigual da riqueza produzida através da exploração dos recursos naturais e do trabalho humano, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e harmônica.

Em seu trabalho conjunto com Marx “Do socialismo utópico ao socialismo científico”, Engels vai mais longe ao prever um novo tempo para a humanidade, a verdadeira humanidade, aquela que está baseada na cooperação com a natureza e com os seres humanos. Esse tempo novo, nas palavras de Engels, se inicia ao cessar a luta pela existência individual e o ser humano sai definitivamente do reino animal e passa a viver em condições de vida verdadeiramente humanas quando:

a própria existência social do homem, que até aqui era enfrentada como imposto pela natureza e a história, é de agora em diante obra livre sua. Os poderes objetivos e estranhos que até aqui vinham imperando na história colocam-se sob o controle do próprio homem. Só a partir de então, ele começa a traçar a sua história com plena consciência do que faz. É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade. (p. 73)

Esse reino da liberdade é o reino no qual podemos expressar verdadeiramente nossa natureza humana, podemos resgatar e viver os valores que propiciam a nossa espécie ser uma, entre várias outras na teia da vida e com uma especificidade, conforme nos diz Humberto Maturana em sua “Ontologia da Realidade” (1997): a de trazer para a vida social a nossa essência humana que se constrói pelo amor.

Esse é o pensamento que pode propiciar uma nova etapa para a história da humanidade – a etapa

que promove a constituição de uma cidadania planetária. Cidadania que se baseia na compreensão de que todos os povos constituem uma única humanidade que compartilha, com todos os seres vivos, um espaço comum – o Planeta Terra.

Tendo como princípios a construção da cidadania planetária, a responsabilidade socioambiental, o respeito ao diferente, a manutenção da diversidade ecológica, cultural e religiosa, a nossa atuação pessoal e social assegura o florescimento dos valores humanos universais, estabelecendo a cultura de paz no planeta e criando novos caminhos para a transformação do ser humano e da sociedade, tendo como foco fundamental a vivência da paz e a harmonia planetária.

Podemos afirmar que nossa época histórica exige hoje, mais do que nunca, a vivência de princípios éticos e valores na vida pessoal, social e no cuidado com a Terra.

O historiador Eric Hobsbawn, em sua obra “Era dos Extremos” (1995), constatou que houve mais mudanças na humanidade nos últimos 50 anos do que desde a Idade da Pedra. Essa aceleração promoveu a integração das diferentes culturas, estabelecendo um mundo globalizado inter-relacionado e interdependente. No entanto, toda a tecnologia e conhecimento gerados neste tempo não foram capazes de promover uma vida digna para o conjunto da humanidade, mas pelo contrário, desencadeou uma crise de percepção e de valores que geraram uma série de tensões desafiadoras na sociedade global.

Essas tensões constituem o cerne da problemática do Século XXI, como demonstra os estudos promovidos pela UNESCO e reunidos no Relatório Delors de 2000, que aponta entre elas: a tensão entre o global e o local; entre o universal e o singular; entre a tradição e a modernidade; entre as soluções a curto e as soluções em longo prazo; entre a competição excludente e o cuidado com a igualdade de oportunidades; entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação pelo ser humano e a principal delas, a tensão fundamental existente entre o espiritual e o material.

A superação dessa última tensão só será conseguida com o reconhecimento da dimensão transcendental na vida cotidiana, incorporando valores espirituais na ação concreta, na vida pessoal e social. Para isso é necessário despertar em cada um a elevação do pensamento e do espírito, desenvolvendo o potencial superior do ser humano, conforme o entendimento de Assagioli (1998), no qual estão contidos a generosidade, a fraternidade, a solidariedade e o amor. Potencial que todos possuem e podem nutrir a vida. O potencial que é manifestado no amor se expressa pelo outro, por si mesmo e por toda a criação. Mas para isso, cada um de nós precisa aprender a amar. E nossa educação deve se estruturar com foco nesse aprendizado urgente que a sociedade humana necessita.

Nessa construção, a Educação cumpre um papel fundamental frente às necessidades da nossa época histórica. É uma época que exige uma formação humana integral, a formação que propicie a vivência de valores e da ética do cuidado planetário. E para tanto, se deve desenvolver o potencial superior do ser humano: a generosidade, a fraternidade, a solidariedade e o amor, todos presentes em cada pessoa, esperando apenas as condições favoráveis para florescer. Esperando o toque de amor dos educadores, consolidando os ensinamentos que fundamentam as tradições espirituais de toda a humanidade, de todas as culturas: “o amor que se expressa pelo outro, por si mesmo e por toda a criação”.

A proposta teórico-metodológica oferecida pela transdisciplinaridade aparece como uma resposta a essa necessidade histórica, possibilitando a formação humana comprometida com a construção de um mundo melhor. Ao integrar diferentes sistemas de conhecimento, a transdisciplinaridade envolve e desenvolve diferentes aspectos do ser humano, integrando pensamento, sentimento, intuição, sensibilidade, cognição e emoção.

Nessa abordagem transdisciplinar, pode-se iniciar o exercício de ser, de pensar e de fazer com base em referenciais de uma práxis educativa que integra a racionalidade e o sentimento, a análise e a vivência, que nos leva a sentir o mundo e nós mesmos como uma única e mesma totalidade. Esse exercício pleno do sentido de existir compreende o amor como fonte de vida, resgata o sagrado na existência humana e abre o caminho para uma vivência de paz e valores humanos.

Os Caminhos

Uma das possibilidades para que a educação realmente cumpra seu papel é o desenvolvimento de práticas educativas, em diferentes ambientes sociais e culturais, alicerçadas na metodologia transdisciplinar e articuladas com os princípios educativos de Paulo Freire. Estes consideram o conhecimento como instrumento de transformação do mundo, tanto externo quanto interno - o mundo entendido como relação humana integrada, na qual pertencer é ser em unidade, cuidando de si e do(s) outro/outros seres, pois todos os seres em todos os mundos querem ser felizes e viver em harmonia. E para isso, todos nós devemos assumir uma relação de amor e cuidado conosco mesmo, com os outros, com a natureza e conseqüentemente com o Planeta Terra. Somente assim seremos capazes de nos tornarmos responsáveis e co-criadores da realidade – indivíduos que respondem por suas ações e por seu desenvolvimento pessoal, em consonância com a natureza, promovendo, assim, sua realização pessoal ao mesmo tempo em que promove o bem comum e a vida.

A educação tem hoje o desafio de introduzir, na referência cotidiana de mundo, a lógica da transdisciplinaridade. Nessa perspectiva, ciência, filosofia, artes e tradições sagradas integradas aos valores humanos criam novos caminhos para a transformação do ser humano e da sociedade, tendo como foco fundamental a vivência da paz.

A transdisciplinaridade pode ser compreendida como uma proposta teórico-metodológica que tem como objetivo integrar as diferentes áreas do conhecimento e também as diferentes formas de produzir e vivenciar conhecimentos que a humanidade vem elaborando no decorrer do tempo. Assim, propõe a interação das várias disciplinas científicas, e indo além delas, busca também promover a sua união com outras formas de saber como a Filosofia, as Artes e as Tradições Espirituais.

Ao integrar tantas áreas, a transdisciplinaridade integra também o pensamento, o sentimento, a intuição, a cognição e a emoção. E evidencia a sua relação com as propostas educacionais que não se recusam a usar a palavra amor, no amplo sentido indicado acima, como propõem Sai Baba e Maturana, e com as propostas referenciadas nos aportes sociais e políticos, como a de Paulo Freire, que promove o exercício de ser, pensar e fazer com base em referenciais de análise e vivência, que nos faz sentir o mundo e a nós mesmos como uma única e mesma totalidade.

Maria Cândida Moraes na sua tese sobre o “Paradigma Emergente na Educação”, afirma que “o importante é que a educação, coerente com esse novo paradigma, colabore para despertar maior consciência de unidade em nossas crianças, para que elas possam, antecipadamente, compreender o ser humano como um ser espiritual em que vivencia uma jornada individual e coletiva, possui um Sagrado individual em comunicação íntima com o Sagrado coletivo, em comunhão com os outros e com a natureza; uma espiritualidade a ser compreendida como ligação direta do indivíduo com a Fonte, com a Totalidade, com o Cosmo”.

Para Capra (1990) a visão de mundo sugerida pela física moderna é incompatível com a sociedade atual que deixou de refletir o harmonioso estado de inter-relacionamento que observamos na natureza. Para se alcançar tal estado de equilíbrio dinâmico, será necessária uma estrutura social e econômica radicalmente diferente, uma estrutura social que supere as desigualdades e seja fundamentada na ética e na solidariedade, e a “sobrevivência de toda a nossa civilização pode depender de sermos ou não capazes de realizar tal mudança”.

A sociedade de nossos dias exige que a educação propicie a vivência da dimensão espiritual que nos remete não somente a experiências tradicionalmente consideradas religiosas, como também a *todos* os estados de consciência e a todas as funções e atividades humanas que têm como denominador comum a posse e o desenvolvimento de *valores* superiores - éticos, estéticos, humanitários e altruístas, conforme nos mostra Assagioli (1993).

Uma educação que abra espaço para o desenvolvimento da nossa capacidade de indagar e de procurar respostas para as perguntas fundamentais do ser humano – quem somos nós e porque vivemos? Uma educação que estimule a encontrar as respostas para essas questões com uma profundidade e

alcance que venha repercutir na nossa vida cotidiana, na transformação social e planetária, permitindo emergir a vivência da unidade da teia da vida e o estabelecimento de relações que expressam a essência do Amor, que é a própria natureza do ser humano.

Com conhecimento e sabedoria, podemos estabelecer nosso sentimento de pertencimento a essa entidade maior – Gaya, entendendo o mundo como relação humana integrada em diferentes níveis:

- ação conosco mesmo: desenvolvendo o melhor de nós, fortalecendo nosso caráter na ética da vida e assumindo nossa cidadania planetária;

- ação com o próximo: aprendendo a conviver com o próximo, a respeitar o diferente, assumindo a responsabilidade pela sociedade de nosso tempo e lugar, em harmonia;

- ação com a natureza: olhar o sistema de reprodução da vida, reconhecendo sua inteireza e capacidade de regeneração, desenvolvendo uma postura ativa de preservação e adequando nosso modo de vida, hábitos de consumo e processo produtivo, de modo a atender as particularidades dos ambientes naturais e culturais próprios de cada ecossistema.

Conforme propõe Arruda (2001), para que essa postura pessoal, social e planetária se estabeleça é necessário uma mudança de foco – passar do EU para o NÓS. E essa passagem se faz por uma ponte – o amor, que propicia a realização pessoal, ao mesmo tempo em que garante o bem estar de todas as manifestações de vida na Terra.

É a nossa capacidade de amar que pode estabelecer um mundo de equidade e em harmonia, no qual todos os seres vivos sejam respeitados e, que a dignidade fundamental de todas as pessoas seja reconhecida, incorporando em nossas relações e instituições os valores humanos básicos, como: confiança, honestidade, auto-respeito, cooperação e compaixão. Dessa forma, a integridade cultural e espiritual da sociedade é assim preservada, e a vida é cuidada e nutrida.

Para Regina Migliori (1999), o ser humano deve exercer toda a sua competência amorosa para garantir que o conhecimento acumulado pela humanidade possa ser exercido na preservação da vida. É nesse mesmo sentido que nos fala Ubiratan D’Ambrosio (1998) ao apontar que o problema maior do conhecimento fragmentado é entender o indivíduo apenas como centro, deixando de lado sua dimensão social, terrena e cósmica. Ao assumir essas diferentes dimensões na compreensão do ser humano há que se promover uma ética também abrangente, que incorpore as relações consigo próprio, com o outro, com a natureza e com o cosmo. Ética da diversidade que propicia: o respeito pelo outro com todas as suas diferenças; a solidariedade com o outro na satisfação de suas necessidades materiais e espirituais, de sobrevivência e de transcendência e a cooperação com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural.

Desta forma, D’Ambrosio (*op. cit.*) define como ético o indivíduo que no seu comportamento incorpora o conhecimento de si próprio, de sua inserção na sociedade, de suas responsabilidades planetárias e de suas essencialidades cósmicas e planetárias. Isto é, compreender o mundo como a unidade da diversidade. Isto se inicia com o conhecer a si próprio, numa espécie de viagem interior guiada pelo autoconhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica, ou seja, pelo processo de autoconsciência e reflexão.

Conforme indica Maturana (2001), é preciso resgatar a nossa condição de ser humano que traz em si, além da razão, a emoção. E a emoção fundamental que torna possível a humanidade é o amor. O amor é o sentimento constitutivo do domínio da conduta que aceita o outro, o diferente de nós, como legítimo na convivência. Na sua visão, Maturana salienta que a ética e os valores essenciais são constitutivos da própria existência humana. A ética promove a unidade, a integração entre a razão e a emoção. A solidariedade e a cooperação, que já foram responsáveis pela presença e pela sobrevivência da espécie humana no Planeta Terra, podem tornar possíveis hoje a continuidade da vida, inclusive a dos seres humanos.

A capacidade afetiva e amorosa abre-se para o espírito, que para Boff (2003), é a dimensão em que a consciência se sente parte de um todo e que culmina na contemplação e na experiência de unidade. Nessa experiência, o sentimento de unidade é o princípio da ética que se estrutura ao redor dos valores

fundamentais ligados à vida, ao seu cuidado, ao trabalho solidário e à vivência da paz. Por valores nos movemos e somos. A reverência pela vida, o amor pela existência nos faz sentir gratidão pelo “dom da vida”. Vida que pede cuidados. E só cuida quem ama. Nas palavras do educador indiano Sathya Sai Baba:

Há uma só religião, a Religião do Amor.
Há uma só casta, a Casta da Humanidade.
Há uma só linguagem, a Linguagem do coração.
Há um só Deus, e ele é Onipresente. (p. 45)

É o amor que promove a vivência de valores, de atitudes e de hábitos, refletindo no respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, resgatando a verdadeira essência do ser humano, que nos faz sentir o mundo e nós mesmos como uma única e mesma totalidade. Esse exercício pleno do sentido de existir em UNIDADE resgata o sagrado na existência humana. O sagrado, não como um atributo religioso, mas no sentido dado por Mircea Eliade, citado por Nicolescu (2002, p. 147) “O sagrado é a experiência de uma realidade e a origem da consciência de existir no mundo.”

A sociedade de nossos dias pede a vivência da dimensão do sagrado e a construção de um mundo mais harmônico. Para sermos capazes de realizar essas mudanças tão necessárias, precisamos incorporar nos programas educacionais a visão de teia, dos fios interligados e interdependentes da vida, além de exercitar a nossa vivência em conformidade com os paradigmas sugeridos pela Física Quântica, resgatando a noção de unidade presente na diversidade.

A educação ambiental alicerçada na educação em valores humanos proporciona esse resgate do sagrado, da unidade e da vivência da espiritualidade humana, levando a pessoa a se conhecer, a ter consciência dos processos mais diretos do seu próprio desenvolvimento. Incorpora ao processo educacional a natureza física, psíquica, emocional, afetiva, energética e vibracional do ser humano, entendido na complexidade de suas várias dimensões. Desta forma, consideramos que o processo educacional abre espaço para o domínio das emoções e a vivência da espiritualidade humana.

A educação em valores humanos trás uma visão integrada da personalidade humana, tendo como proposta integrar nas pessoas diferentes dimensões: o atuar, o sentir, o pensar, o intuir e o ser. O mestre Sathya Sai Baba, divulgador desse método de educação, relaciona no processo educativo os níveis de manifestação da personalidade, do mais visível ao mais sutil - físico, emocional, intelectual, intuitivo e espiritual - com a manifestação de valores absolutos. Valores que compõem a “Essência do Ser”, que precisam ser desenvolvidos integralmente no decorrer da vida, para emergir a totalidade amorosa que é o ser humano.

A ação correta, a integridade e a retidão devem se manifestar na prática cotidiana que representa a dimensão física do ser. No nível psíquico, o ser humano deve centralizar sua atenção no desenvolvimento da capacidade amorosa que promove e sustenta a vida. No nível mental, dois aspectos devem ser considerados: o emocional e o intelectual. Nesse sentido, a vivência da paz está ligada diretamente ao controle das emoções e a emergência da essência humana se expressa na manifestação da verdade. Já o nível espiritual é a síntese de todos os valores manifestados na ação humana – a não violência, o amor em movimento.

Considerações Finais

Felizmente uma nova consciência global está em formação e, para que acompanhem e participemos ativamente deste processo, precisamos estar preparados em termos de auto-consciência e de aprimoramento das relações nos vários níveis da existência humana. A Vivência da Paz, dos Valores Humanos e da Educação Ambiental que têm a ação transdisciplinar como caminho, propicia essa formação, porque estão pautadas no amor e na possibilidade de todos nós exercermos um papel ativo na consolidação de uma nova sociedade, como co-criadores que somos do Planeta Terra, do Sistema Solar, do

UNIVERSO.

Enfim, conforme afirma Hoeffel e Viana (1998), temos que participar da mudança e vivê-la como desafio essencial, colaborando com a construção de uma comunidade harmoniosa apoiada em valores humanos - verdade, paz, ação correta, não-violência, amor - verdadeira essência do ser humano, como base do crescimento pessoal e comunitário. Esse é o nosso grande desafio para tornar nossas relações verdadeiramente humanas nos planos interpessoal, comunitário, planetário e cósmico.

Bibliografia

- ASSAGLIOLI, R. **Psicossintese**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- DELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2000.
- D'AMBRÓSIO, U. Conhecimento e Consciência. **Conhecimento, Cidadania e Meio Ambiente**, V. 2. Temas Transversais. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- ENGELS, Frederico. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: **Obras Escolhidas**, Vol.1. São Paulo: Ed.Sociais.1975.
- HOEFFEL, João Luiz; VIANA, Rosa Maria. **Conhecimento, Cidadania e Meio Ambiente**.Vol 3. São Paulo:Peirópolis. 1998.
- MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte:UFMG.1997.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MIGLIORI, Regina. **Ética e Valores Humanos**.Vol 1.São Paulo : Peirópolis, 1999.
- MORAES, Maria Cândida. **Paradigma Emergente na Educação**.Campinas:Papirus.2000.
- MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- NICOLESCU, Basarabi. Que sociedade queremos para o amanhã? **Documento do CIRET/UNESCO**, 1999.
- SATHYA SAI BABA. **Cultura y Espiritualid**. Buenos Aires: Errepar, 1996.

Trabalho enviado em junho de 2008

Trabalho aceito em setembro de 2008